



Universidade Federal do Cariri
Departamento de Filosofia

A MUDANÇA TOPOLÓGICA DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Marcelo Cavalieri Teixeira

JUAZEIRO, CEARÁ
2018

1. INTRODUÇÃO

É que Narciso acha feio o que não é espelho – Caetano Veloso

O filósofo Byung-Chul Han, em seus inúmeros ensaios filosóficos, apresenta como conceito central de seu pensamento, o *excesso de positividade*. Numa dessas obras chamada de *A Sociedade do Cansaço* podemos ver um panorama de prevaricação do indivíduo mediante a positivação da sociedade. O negativo, tão necessário à dialética, não se encontra mais presente entre as relações interpessoais cotidianas. O *excesso de positividade* é ocasionado, segundo ele, por outros três tipos de excessos, o *excesso de informação*, *excesso de produção* e *excesso de desempenho*. Em consequência disso, segundo Han, o que temos é uma violência neuronal incessante que adocece a sociedade. Byung-Chul Han afirma que a enfermidade do começo do século XXI pode ser definida, numa perspectiva patológica, como neuronal. “Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção (Tdha), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI.” (HAN, 2015. p. 7 e 8).

Antes de pensar o excesso de positividade, cabe aqui expor brevemente alguns ensinamentos trazidos pelo professor Carlos Alberto Cirne-Lima sobre o movimento dialético. Ele nos lembra que o único espaço possível que se faz dialética é quando se tem opostos contrários. E o diálogo é o caminho mais natural para se encontrar o dito e o contradito, a tese e antítese. Contudo, num diálogo se o interlocutor endossar a fala do falante só teremos apenas a Tese, o primeiro momento da dialética, que ainda não se fez completamente. Estamos ainda no Princípio da Identidade ($A = A$). Byung-Chul Han afirma que nossa sociedade sofre do mal do excesso de positividade, primeiro momento do movimento dialético. Em outras palavras, podemos dizer que sofremos de excesso de identidade.

Fomos alertados que devemos ter atenção aos três subprincípios contidos no Princípio de Identidade, a saber, a *Identidade Simples*, *Identidade Iterativa* e *Identidade Reflexa*. No primeiro, o da *Identidade Simples* só existe um A, ela se completa e se acaba em si mesmo. Na *Identidade Iterativa* temos a multiplicidade repetitiva de A, sem haver qualquer movimento exterior ao sujeito (A, A, A ...). Só conseguimos formular predicções quando temos uma *Identidade Reflexa*, quando dizemos que o sujeito A é a mesma coisa do segundo A, que nesse caso é predicado.

Para analisarmos por dentro do Princípio de Identidade, e ver como esses

subprincípios se comportam, utilizaremos como ilustração o clássico livro de George Orwell, 1984. Nele encontramos uma sociedade distópica caracterizada pelo positivismo totalitário de Estado, controlado e vigiado pela personagem intitulada *Big Brother*. Identificamos nessa personagem a *Identidade Simples*, pois temos nela uma ideia acabada em si mesma e que se basta (A). Esse opressor onipresente utiliza a tecnologia da comunicação para castrar a liberdade individual do outro e seu pensamento crítico. O que sobra é o discurso único de seu líder. O discurso produzido dentro dessa realidade criada por Orwell não passa de uma mera reprodução das ideias e ações desejadas pelo tirano (A, A, A, ...). Não existe confrontação de ideias, não existem pontos de vista, só existe o positivo. Estamos então no subprincípio da *Identidade Iterativa*.

2. EXCESSO DE POSITIVIDADE E A MUDANÇA TOPOLÓGICA DA VIOLÊNCIA

A obra de Orwell foi inspirada nos governos comunistas e fascistas da Europa dos meados do século XX. Na atual conjuntura político-econômica em que vivemos, não faz sentido falar em governos comunistas ou fascistas, o capitalismo triunfou, e com ele o Estado modificou suas relações com a sociedade, passando a ser somente um servo das ideias neoliberais. Não obstante, o clássico de Orwell nos serve até hoje para pensar o conceito de *excesso de positividade* e como ele está presente em nossa sociedade. Pois percebemos um totalitarismo ideológico do estado neoliberal. As conjunturas políticas instituídas pelo o vilão do romance se identifica como a própria ideologia neoliberal. Pois,

O capitalismo neoliberal expande-se através da homogeneização generalizada da desigualdade e da apropriação do excedente social. Ele é a razão do Um que aprendeu a se mediar no múltiplo, pensamento do mesmo e de suas modulações ínfimas e infinitas. A consequência é o movimento desse limite a ser perpetuamente deslocado, um infinito ruim que ganha expressão ideológica na crença irrestrita do progresso e em sua hybris pela novidade, isto é, o retorno diferente do mesmo. Se a totalidade aberta está sempre pronta a tudo interiorizar segundo a sua própria lógica, ela é a própria essência do novo capitalismo e, precisamente nisso, é também a melhor imagem de nossa atual impotência. (...) Desde então, nossas possibilidades de vida se confundem com a razão neoliberal, com a forma-de-vida que ela submete a nossa “escolha livre”. Nesse caso, a vida não se conduz, mas é conduzida por possíveis pré-estabelecidos. Em uma palavra: escolhemos, mas não escolhemos os termos da escolha. O que significa dizer que com o neoliberalismo temos a realização de uma abstrata autonomia dentro de uma concreta heteronomia. (GIMBO, 2016. p. 18 e 19).

Sendo assim, a *Identidade Iterativa* contida no discurso positivo neoliberal é homogeneizadora e reprodutora da ideia de progresso. O neoliberalismo, como todo princípio, é começo e regra do todo social. Um jogo de cartas marcadas que todos são obrigados a jogar, pois não existe nada fora desse certame. Tudo é neoliberalismo. O neoliberalismo é o Absoluto. Tudo é Identidade ($A = A$).

Esse jogo trapaceiro e ardiloso pode ser visto em *A Sociedade do Espetáculo*, de Guy Debord, o opressor nesse caso responde pela alcunha de *Grande Espetáculo*. Ele comanda os espetáculos menores, dita a ordem presente e comanda como as coisas são e como todos deverão agir. Cada indivíduo é um átomo espetacular autoelogioso, que, em última análise, se converte em hiperelogio ao próprio *Espetáculo* em si. Nessa sociedade, o indivíduo, “quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo” (DEBORD, 2003). É esse mundo *hiperpositivo* atual que elimina completamente tudo o que é fora do *Espetáculo*, do diferente, do negativo. Vivemos na totalitária positividade do neoliberalismo. Vivemos então no último subprincípio, o da *Identidade Reflexa*. Sendo o neoliberalismo o único sujeito existente (A) e a sociedade é

somente o predicado desse sujeito ($A = A$). Cabendo ao indivíduo dentro dessa sociedade o papel de objeto, direto ou indireto da oração. Em outras palavras, a vida na sociedade neoliberal é uma grande proposição simples declarativamente afirmativa.

Um sujeito comum do século XXI tem acesso a mais informações do que todos os enciclopedistas do século XVIII. É o sonho iluminista? Chegamos enfim numa sociedade do saber? Não. Muito pelo contrário. A grande arma utilizada pelo neoliberalismo para cativar os indivíduos é a “bomba informacional”. Esse *excesso de informação* acaba por alienar o senso crítico individual. É uma violência do excesso. Atolado em colecionar desesperadamente as informações, o indivíduo fica sem tempo para refletir sobre elas. Nesse excesso de positividade informacional não temos nenhuma experiência de vida, ficando assim muito mais fácil de controlar do que Winston Smith, em 1984.

Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constitui-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (...) Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. (...) E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência. (BONDÍÁ, 2001, p.21 a 23).

O imperativo da informação somado a mais outros dois imperativos, o da produção e o do desempenho, são as estratégias atuais para otimizar o *modus operandi* neoliberal. A sociedade disciplinar se deslocou para uma sociedade da informação, da produção e do desempenho, uma sociedade auto disciplinante. A violência externa que em 1984 obrigava à obediência, fora substituída pelo discurso do desempenho de forma imanente e naturalizada, dispensando o algoz. Agora não se precisa de um feitor para disciplinar os corpos, pois o discurso neoliberal está tão introjetado na sociedade de tal forma que o indivíduo mesmo se autoflagela. O que era descrito em Orwell como dificuldades, dores, privações e infelicidades passadas pela personagem de Winston Smith, no presente

momento é o sonho de milhares de pessoas comuns. Nas palavras de Hans Ulrich Gumbrecht (2015, p.54), “o maravilhoso mundo novo de nosso presente globalizado nos condena a ser os nossos próprios *Big Brothers*”. É o que Byung-Chul Han irá chamar de mudança topológica da violência. O lugar da violência mudou e o desenrolar da trama de 1984 sucede para outra obra clássica da literatura distópica, o *Admirável Mundo Novo*.

O século XXI chegou a incorporar a ética apresentada na obra de Huxley, onde “o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos *obrigados* a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (HUXLEY, p. 29). Ou seja, a partir do momento que o indivíduo incorpora a necessidade do constante crescimento do desempenho em sua vida, não são mais necessárias as vigílias e as punições. O indivíduo é auto atormentado. “Todos somos uma empresa”, como diria um guru dos negócios. Sendo

a mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, a *inconsciente social*, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto de produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a positividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas a relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade. (HAN, 2015. p. 25-26)

Na sociedade marcada pelo *excesso de positividade* a violência é constante e ilimitada. “A lamúria indivíduo depressivo de que *nada é possível* só se torna possível numa sociedade que acredita que nada é impossível. ” (HAN, 2015. p. 29). Segundo a visão de Han, causando infartos psíquicos que levam aos transtornos mentais já citados.

Todos esses excessos têm o efeito contrário ao que se diz propor. O excesso de informação não deixa o sujeito mais consciente e livre, como pretendia o iluminismo. Na verdade, torna o sujeito esgotado, sem identidade, alienado e com suas estruturas cognitivas e emocionais abaladas.

Já o excesso de produção e desempenho não traz satisfação pessoal. Somente traz frustração e decepção, pois é impossível alcançar o infinito. Essa obsessão por produção e desempenho causa no sujeito uma sensação constante de impotência, pois “nada é bastante ao homem para quem tudo é demasiado pouco”, como diria Epicuro. Ele acredita que pode mais do que acabou de fazer. Inconsciente disso, o indivíduo recorre ao doping.

De todo tipo. Ansiolítico para dormir, metilenodioximetanfetamina para se divertir, sildenafil para fazer sexo. Todos os tipos de substâncias podem ser utilizados para alcançar a produção e o desempenho desejado. Ainda não desenvolvemos o “soma” de *Admirável Mundo Novo*, mas não seria de se admirar que algo do tipo fosse produzido subsequentemente.

No caso específico da educação, temos o uso alarmante do metilfenidato. Várias pesquisas apontam o uso indiscriminado dessa substância para fins de melhorar a produção e o desempenho acadêmico e escolar. Essa medicação que promete tratar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, mas é usado por várias pessoas em busca de mais concentração na hora de estudar, principalmente quando estão prestes a prestar vestibular ou concursos. O Brasil é o segundo maior consumidor dessa droga, perdendo somente para os EUA.

Nessa peculiar composição social, Byung-Chul Han diz que podemos ser comparados a animais que vivem num ambiente selvagem, tendo que se dividir para dar conta dessas multitarefas. “Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho no seu/sua parceiro(a).”(HAN, 2015. p. 32). Impedindo o momento do contemplativo, sendo assim incapazes de serem profundos.

Sujeitos rasos não servem para filosofar. E a filosofia, não como matéria escolar, mas como exercício filosófico, tão caro à reflexão sobre os problemas humanos, não é mais possível. Trocou-se qualidade por quantidade, substituiu-se a *vida contemplativa* por uma *vida hiperativa*, e “a pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente.” (HAN, 2015. p. 34). A hipermodernidade só gera inquietação e cansaço.

Sendo assim, a tendência de nossa sociedade é de reiterar a positividade.

3. EXCESSO DE POSITIVIDADE NA CONJUNTURA ESCOLAR

Pesaremos agora nas consequências desse *excesso de positividade* na conjuntura escolar e como têm afetado o seu ator mais importante, o aluno. Pois, o que podemos perceber é que muitas vezes quem reforça esse dispositivo é a própria educação formal. Avaliações, simulados, olimpíadas, tarefas, cursos, vestibulares etc. Parece não ter fim a quantidade de pelejas que um aluno é posto a enfrentar até o final de sua escolarização. Pelo excesso de resoluções que esse aluno é obrigado a cumprir, com currículos cada vez maiores, deixa-o impossibilitado de parar e refletir sobre os assuntos vistos. Ele não reflete, ele escolhe. Quanto mais rápido a escolha, melhor é o aluno. Obrigando-o a comprar uma

opinião que mais o apetece, ou até mesmo a que der para comprar.

Não surpreende, já que a instituição escolar é filha da revolução burguesa. Idealizada no Iluminismo, se desenvolve ideologicamente e politicamente na Revolução Francesa. Sua consolidação e sistematização acontece no século XIX pelas ideias positivistas, a serviço da Revolução Industrial. Tudo isso nos faz perceber que desde de sua origem, a escola tem o caráter liberal com traços marcantes de positividade.

Vejam os o caso do primeiro plano nacional de educação que se tem notícia. Aprovado no fervor da Revolução Francesa pela Assembleia Nacional Constituinte de 1793, inspirado em Rousseau, teria tudo para fazer jus ao tema iluminista *sapere aude*. Idealizado por Lepelletier, político iluminista e pedagogo francês, que defendia “que toda criança recebesse outra formação que não a revolucionária” (GADOTTI, 2008. p. 89), quando elabora um projeto de lei, faz soar a voz do positivismo, mesmo antes do nascimento de Comte. Nele é capaz de ver alguns aspectos sintomáticos do que seria os planos liberais para a educação, daremos destaque à alguns artigos desse projeto, que dizem:

ARTIGOS GERAIS

(...)

IV

O objeto da educação nacional será de fortificar o corpo e desenvolvê-lo por exercícios de ginástica, de acostumar as crianças ao trabalho das mãos, de endurece-las contra toda espécie de cansaço, de dobrá-las ao julgo de uma disciplina salutar, de formar-lhes o coração e o espírito por meio de instruções úteis e de dar os conhecimentos necessários a todo cidadão, seja qual for sua profissão.

(...)

DA EDUCAÇÃO NACIONAL

(...)

XI

Os meninos aprenderam a ler, escrever contar e lhes serão dadas as primeiras lições de medida e superfície.

Sua memória será cultivada e desenvolvida; ensinar-lhes-á a decorar alguns cantos cívicos e o enredo dos traços mais emocionantes da história dos povos livres e da história da Revolução Francesa.

Receberão também noções de constituição de seu país, da moral universal e da economia rural e doméstica.

XII

Os meninos aprenderam a ler, escrever contar.

Sua memória será cultivada e desenvolvida; ensinar-lhes-á a decorar alguns cantos cívicos e de alguns episódios da História próprios a desenvolver as virtudes do seu sexo.

Receberão também noções da moral e da economia doméstica e rural.

XIX

As crianças receberam igual e uniformemente, cada uma, segundo sua idade, uma alimentação sã, mas frugal, uma veste cômoda, mas grosseira; deitarão sem conforto excessivo, de tal modo que, qualquer que seja a profissão que abracem e em qualquer circunstância que se possam encontrar durante o transcorrer da vida, conservarão o hábito de poder-se privar de comodidades e de coisas supérfluas, bem como desprezar as necessidades artificiais. (ROSA, 1985)

Apesar do projeto não ter sido colocado em prática, por conta da morte de seu autor, teve grande influência em projetos educacionais posteriores. Nesse documento encontramos a gênese das pedagogias tradicionais e tecnicistas. Nele, percebemos que se trata de uma pedagogia disciplinante e doutrinária em conformidade com o liberalismo da época. Em termos pedagógicos, o *sapere aude*, que nunca nasceu, parece está morto. De fato, se aproxima bastante das ideias positivistas dos séculos posteriores, pois segundo Durkheim, para o positivismo,

a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certos números de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine. (DURKHEIM, 1955)

Sendo assim, o futuro da criança já se encontra marcado a ferro quente desde a escolarização. Pois, onde há destino não cabe a prática da liberdade.

4. CONCLUSÃO

Mesmo as pedagogias tipo “aprendizagem significativa” são tragadas pela lógica da informação/opinião. “Aprendizagem” nesse contexto é comumente compreendida como enciclopedismo pedagógico. E o sentido de “significativo” empregado se refere a opinar, se posicionar. Posição essa, não necessariamente original. Pode muito bem endossar a tese. Ainda estamos na positividade.

O formato atual da redação do Exame Nacional do Ensino Médio é o maior exemplo disso. Se propõe um tema de grande relevância social a ser refletido por todos os milhões de participantes. A nossa indagação é: como os temas propostos na redação do ENEM podem ser significativos se o participante tem em torno de uma hora para identificar o tema, refletir sobre a relevância do tema e ainda escrever? Simples, é só substituir a reflexão pelo reflexo condicionado pela técnica. Isso é chamado de significativo, mas não é. A técnica acaba por sobrepor à reflexão.

Ainda podemos citar a aclamada *gamificação* na educação, trazida como a inovação pedagógica do momento, só chega para acrescentar a positividade já exaustivamente reproduzida pela pedagogia tradicional. Dado que o termo tem origem na palavra “jogo” (*game* em inglês), quando utilizados em espaços que não são jogos. Inicialmente utilizado nas empresas, chega com solução para os alunos desmotivados da escola (tradicional). Em outros termos, é o quadro de estrelinhas compensatórias que a professora behaviorista dava a cada aluno quando ele acertara alguma questão, desta vez mais elaborado, utilizando-se de programas de computadores, *tablets* e *smarthphones*.

Com narrativas e desafios já pré-estabelecidos, a gamificação na educação emprega metas a serem cumpridas, necessidade de foco, crescimento progressivo de desempenho, pressão utilizando o tempo. A positividade está de cara nova.

Em todas as práticas educacionais positivizantes propostas pelo neoliberalismo o que temos é um bombardeio informacional e uma cobrança maçante por desempenho e produção. Sem tempo, o aluno age sem reflexão, age por reflexo. Muitas vezes replica as ideias dos professores como se fosse as suas. Sufocado pelo excesso de informação, produção e desempenho o aluno se encontra vazio em criticidade e experiência. No final, ele está transbordado de informações e opiniões alheias a ele mesmo e se vê perdido dentro do sistema educacional. O aluno moderno é reflexo do sujeito moderno, e

o sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa

sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. (BONDÍA, 2001, p.22)

O que acontece é que pela violência da positividade o aluno aciona o instinto de se auto preservar, por exemplo, não passar pelo vexame da nota baixa. Conclui a avaliação tentando recordar de tudo o que o professor. Se for o caso, escrever com as mesmas palavras que o mestre mandou. Quando percebe que o medo da vexação já foi superado, o cérebro do aluno descarta o conteúdo visto. Pedagogias positivadas só conseguem acessar a cérebro reptiliano do aluno, responsáveis pelos arcos reflexos e comportamentos repetitivos. Nada é mandando para as memórias de longo prazo, nada fica de experiência, exceto as técnicas utilizadas para não se passar vergonha. A fobia é a única experiência significativa que guarda o aluno positivado.

O diverso da positividade inquietante é a reflexão profunda. Essa profundidade do pensamento só é possível se fugirmos da lógica da imediatidade e da rapidez. A pedagogia positivantes não constrói experiências, pois para alcançá-la demanda tempo.

Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen tous”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (BONDÍA, 2001, p.24)

Uma aprendizagem realmente significativa transformaria a sala de aula num “ninho” onde o educando seria capaz de “chocar o ovo da experiência”, como diria Walter Benjamin, e fazer surgir nele um *sujeito da experiência*. Só assim acessaríamos as outras áreas do cérebro do aluno, como o sistema límbico, responsável pelas emoções. Estamos falando num retorno semântico à palavra *filosofia*. Ou melhor, uma *erosofia*. Uma pedagogia apaixonante. Onde o aluno caísse de amores pelas coisas do mundo. Saindo do *establishment* positivo, e visitando outros mundos possíveis, diferentes, utópicos. Faríamos os alunos sonhar, pois

o sonho é um repouso para o cérebro, que durante o dia tem de satisfazer as severas exigências impostas ao pensamento pela cultura superior. — Um processo semelhante, verdadeira porta e vestíbulo do sonho, podemos observar na inteligência desperta. (NIETZSCHE, p.15)

Desta forma estaríamos mais próximos de alcançarmos o neocórtex e a memória de

longo prazo do aluno. Pois, segundo Paul MacLean, elaborador da teoria do cérebro trino, o neocórtex é "a mãe da invenção e o pai do pensamento abstrato".

Do contrário, da escola neoliberal que traz o *excesso de positividade* como o único suporte pedagógico, não podemos esperar nada além da reprodução do que está posto.

4. BIBLIOGRAFIA

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, 2001.

CIRNE-LIMA, Carlos. **Dialética para principiantes**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 1996.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Editoração e tradução: eBookBrasil.com. 2003.

DURKHEIM, Émilie. **Educação e sociologia**. São Paulo, Melhoramentos, 1955.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 8º ed. São Paulo: Ed: Ática, 2008.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente – O tempo e a cultura contemporânea**; tradução: Ana Isabel Soares. 1ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

GIMBO, Fernando. **Breve arqueologia do neoliberalismo como dispositivo biopolítico**. 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**; tradução: Enio Paulo Gianchini. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**; tradução: Enio Paulo Gianchini. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Tradução: Lino Valladri, Vidal Serrano. São Paulo: Ed. Mediafashion, 2016.

ORWELL, George. **1984**; tradução: Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. São Paulo, SP. Ed. Companhia das Letras, 2009.

ROSA, Maria da Glória de. ***A história da educação através de textos***. São Paulo, SP.
Ed. Cultrix, 1985.